

The background of the book cover features a complex geometric pattern of overlapping triangles and hexagons in various shades of green, teal, and yellow. A light blue grid pattern is visible behind the geometric shapes. In the center, there is a white rectangular box with a double-line border (an inner thin grey line and an outer thicker dark grey line).

Livro de poemas de
Emily NTE 05

Poemas de estilos de épocas da literatura brasileira.

- Quinhentismo
- Barroco
- Arcadismo
- Romantismo
- Simbolismo
- Pré-Modernismo
- Modernismo
- Realismo, etc...

Ass: Emily Michele

Poema do Quinhentismo - 1500

Jesus na manjedoura (Pe. José de Anchieta)

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?

- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.

Poema do Barroco - 1601

Se... (Gregório de Matos)

Falsa gentileza vã,
A quem segue o teu verdor!
Adverte, que se hoje és flor,
Serás caveira amanhã.
Essa beleza louça Te está mesmo condenando...

Se corres, com pano largo,
Trás dos deleites de uma hora,
Vê bem que o que é doce agora
Te há de ser depois amargo.
Desperta desse letargo
Que que os vícios te detêm,
E vive como convém;
Pois se sabes que és mortal,
Olha bem: não morras mal,
Olha bem que vivas bem.

Ass: Emily Michele.

PARTE FINAL

Se a esperar tempo te atreves,
Mal na vida te confias;
Pois são tão curtos os dias,
Quanto as horas são mais breves.
Deixa os gostos vão e leves,
Que tanto estás anelando:
Trata de ir-te aparelhando
Para a morte, e sem demora;
Porque não sabes a hora,
Porque não sabes o quando.

Deixa o mundo os enganos,
Não queiras em tanta lida,
Por breve gostos da vida
Penar por eternos anos.

Ass: Emily Michele.

Poema do Arcadismo - 1768

Nada se Pode Comparar Contigo (Manoel Maria du Bocage)

O ledo passarinho, que gorjeia
Dalma exprimindo a cândida ternura;
O rio transparente, que murmura,
E por entre pedrinhas serpenteia;

O Sol, que o céu diáfano passeia,
A Lua, que lhe deve a formosura,
O sorriso da Aurora, alegre e pura,
A rosa, que entre os Zéfiros ondeia;

A serena, amorosa Primavera,
O doce autor das glórias que consigo,
A Deusa das paixões e de Citera;

Quanto digo, meu bem, quanto não digo,
Tudo em tua presença degenera.
Nada se pode comparar contigo.

Ass: Emily Michele

Poema do Romantismo - 1836
Anjos do céu (Álvares Azevedo)

As ondas são anjos que dormem no mar,
Que tremem, palpitam, banhados de luz...
São anjos que dormem, a rir e sonhar
E em leito d'escuma revolvem-se nus!
E quando de noite vem pálida a lua
Seus raios incertos tremer, pratear,
E a trança luzente da nuvem flutua,
As ondas são anjos que dormem no mar!
Que dormem, que sonham- e o vento dos céus
Vem tépido à noite nos seios beijar!
São meigos anjinhos, são filhos de Deus,
Que ao fresco se embalam do seio do mar!
E quando nas águas os ventos suspiram,
São puros fervores de ventos e mar:
São beijos que queimam... e as noites deliram,
E os pobres anjinhos estão a chorar!
Ai! quando tu sentes dos mares na flor
Os ventos e vagas gemer, palpitar,
Por que não consentes, num beijo de amor
Que eu diga-te os sonhos dos anjos do mar?

Ass: Emily Michele.

Poema do Realismo, Naturalismo e Parnasianismo - 1881

Se eu morresse amanhã (Álvares de Azevedo)

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que amanhã!
Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

Que sol! que céu azul! que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o doloroso afã...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!

Ass: Emily Michele

Poema do Simbolismo - 1902

Soneto (ALPHONSUS DE GUIMARAENS)

Encontrei-te. Era o mês...

Que importa o mês? Agosto, Setembro, outubro, maio, abril,
janeiro ou março,

Brilhasse o luar que importa? ou fosse o sol já posto, No teu
olhar todo o meu sonho andava esparso.

Que saudades de amor na aurora do teu rosto!

Que horizonte de fé, no olhar tranquilo e garço! Nunca mais me
lembrei se era no mês de agosto, Setembro, outubro, abril,
maio, janeiro, ou março.

Encontrei-te. Depois... depois tudo se some

Desfaz-se o teu olhar em nuvens de ouro e poeira.

Era o dia... Que importa o dia, um simples nome?

Ou sábado sem luz, domingo sem conforto,

Segunda, terça ou quarta, ou quinta ou sexta-feira,

Brilhasse o sol que importa? ou fosse o luar já morto?

Ass: Emily Michele

Poema do Pré-Modernismo - 1922

Mãos dadas (Carlos Drummond de Andrade)

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da
janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por
serafins.

O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os
homens presentes, a vida presente.

Ass: Emily Michele.

Poema do Modernismo - 1922

Vou-me Embora pra Pasárgada (Manuel
Bandeira)

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio Mando chamar a mãe-d'água Pra
me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei
— Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

Ass: Emily Michele